

## FINAIS DE SEMANA AGROECOLÓGICOS NA ROÇA DA LIBERTAÇÃO

Agroecological weekends in the field of liberation

**Valdinar Bezerra dos Santos<sup>1</sup>, Raimundo Nonato da Silva Rego<sup>2</sup>, Flavio Luiz Simões Crespo<sup>3</sup>,  
Milena Almeida Vaz<sup>4</sup>, Maria de Fátima Vieira Crespo<sup>5</sup> e Raysa de Sousa Lemos<sup>6</sup>.**

### RESUMO

O objetivo deste trabalho foi sistematizar a experiência do Núcleo de Estudos em Agroecologia e Agricultura Orgânica Cajuí (NEA-Cajuí) e apontar como a parceria com o NEA Cajuí, em especial a partir dos finais de semanas agroecológicos, colaborou para a família Rego construir sua “Roça da Libertação”. A sistematização apontou que no desenho dos agroecossistemas sustentáveis é preciso, com conhecimento, articular alguns componentes importantes, quais sejam, a organização e o planejamento, as relações interpessoais (com a família e comunidade), o manejo da biodiversidade, o solo de qualidade e a espiritualidade. Estes componentes, articulados, são importantes para a transição agroecológica e permitem avançar a compreensão dos processos políticos, valorizar a cultura local, despertar a consciência ambiental e respeitar os valores éticos. Por isso a Roça é de Libertação!

**Palavras-chave:** Agroecologia, Segurança Alimentar, Alimentos Saudáveis.

### ABSTRACT

The objective was systematizing the experience of the Agroecology and Organic Agriculture Cajuí Center (NEA-Cajuí) and to indicate how the partnership with NEA-Cajuí collaborated for the Rego’s family, especially through agroecological weekends, to build its “Freedom Farm”. The systematization indicated that, in the design of sustainable agroecosystems it is necessary to articulate some important components, such as, organization and planning, interpersonal relationships (with family and community), biodiversity management, quality soil and spirituality. These articulated components are important for the agroecological transition and allow us to better understanding the political processes, to enhance local culture, to raise environmental awareness and to respect ethical values. For all these, it is the Freedom Farm!

**Keywords:** Agroecology, Food Security, Healthy Foods.

<sup>1</sup> Professor Adjunto da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus de Parnaíba. E-mail: valdinar.bezerra@phb.uespi.br

<sup>2</sup> Agricultor Agroecológico, Comunidade Pé da Ladeira, Esperantina – Piauí

<sup>3</sup> Professor do Instituto Federal do Piauí (IFPI), Campus Cocal. E-mail: flavio.crespo@ifpi.edu.br

<sup>4</sup> Professora da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus de Picos. E-mail: myllenavaz@gmail.com

<sup>5</sup> Professora da Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Reis Veloso. E-mail: fatimavcrespo@hotmail.com

<sup>6</sup> Engenheira Agrônoma, bolsista de Extensão do CNPq, nível C. E-mail: raysas.lemos@gmail.com.

**Recebido em:**  
14/08/2017

**Aceito para publicação em:**  
21/02/2018

**Correspondência para:**  
valdinar.bezerra@phb.uespi.br



## Contexto

Este trabalho narra duas experiências que foram construídas participativamente por diversos(as) atores e atrizes que colaboraram para implantação da “Roça da Libertação” e para a construção e consolidação da metodologia denominada Final de Semana Agroecológico, que é utilizada pelo Núcleo de estudos de Pesquisa e Extensão em Agroecologia e Agricultura orgânica (NEA-Cajuí). A “Roça da Libertação” é desenvolvida na propriedade da família Rego, na localidade Pé da Ladeira, no município de Esperantina, Piauí, um dos municípios em que também são realizados os finais de semana agroecológicos. Ao narrar as duas experiências objetivamos resgatar a memória da parceria entre o NEA-Cajuí e a família Rego, com ênfase na influência dos finais de semana agroecológicos na construção da Roça da Libertação e extrair daí lições que contribuam para a transição agroecológica de outras roças.

As histórias se cruzam e o início da parceria, que já dura oito anos, a qual teve início com a realização do primeiro Final de Semana Agroecológico na propriedade da família Rego. As primeiras ações objetivaram recuperar o solo, buscar estratégias de diversificação da vegetação e construir de forma coletiva os conhecimentos agroecológicos. Dentre outras ações que se seguiram, encontram-se as vivências e intercâmbios que ocorreram na Roça da Libertação e em outras roças; a participação em encontros, seminários e congressos sobre agroecologia; a organização e planejamento da família; discussões sobre a espiritualidade, o preconceito das pessoas da comunidade e da própria família; a leitura de livros; a partilha de conhecimentos e; a execução dos projetos das cisternas de placa. Não se pretende que as experiências aqui narradas sejam utilizadas como receita, mas somente, e tão somente, sirvam como inspiração para quem assim desejar e quiser seguir o caminho da agroecologia.

Para a construção dessa narrativa, a Associação Brasileira de Agroecologia - ABA, com o projeto de sistematização das experiências de Núcleos de Agroecologia, desempenhou um papel fundamental e importantíssimo a partir do incentivo e do aporte metodológico. A oficina de sistematização do NEA-Cajuí ocorreu dia 23 de maio de 2017 em Parnaíba-PI. Nesta oficina participaram 40 pessoas, sendo 21 mulheres e 20 homens. Além disso, a experiência foi relatada no II Seminário Regional da Rede Nordeste de Núcleo de Agroecologia – RENDA, em Recife, e no Encontro Nacional dos Núcleos de Agroecologia, em Luziânia - DF, em setembro de 2017.

Sem serem sistematizadas as experiências do NEA-Cajuí corriam o risco de serem perdidas ou contadas apenas por quem as vivenciou. Sistematizar a experiência do NEA significou resgatar aprendizados, clarear pensamentos e ideias, unir ideais, visualizar possibilidades de pesquisa, agregar pessoas, mudar concepções e fortalecer o pensamento de base agroecológica nos espaços públicos da região Norte do Piauí e regiões circunvizinhas, nas quais o NEA-Cajuí atua. Durante o processo de sistematização, foi possível entender um pouco melhor as etapas de construção do conhecimento de base agroecológica dos integrantes e participantes das diversas atividades desenvolvidas pelo NEA. Percebemos que durante a caminhada tivemos erros e acertos, mas que ambos nos fortaleceram. A sistematização foi emblemática para os integrantes do Nea-Cajuí e para a memória do movimento agroecológico no Estado do Piauí, pois, além de contribuir para a melhoria das atividades do NEA, possibilitará levar a mais pessoas as experiências vivenciadas, na esperança de inspirá-las a trilharem os caminhos da agroecologia, seja com criação de outros núcleos e ou na construção do conhecimento e de atividades sustentáveis no meio rural.

Nas oficinas de sistematização, dentre as ações mais relevantes promovidas pelo NEA-Cajuí, os participantes destacaram a implantação da “Roça da Libertação”, em parceria com a família Rego e os Finais de Semanas Agroecológicos, por isso estes foram escolhidos para serem sistematizados.

Para isso, o NEA-Cajuí, além de participar dos eventos promovidos pelo Projeto de Sistematização, ainda organizou o final de semana agroecológico nos assentamentos Canaã e Lagoa do Prado, ambos localizados na zona rural de Parnaíba-PI, além disso, o grupo promoveu a realização de Diagnóstico Rural Participativo com produtores do Assentamento Cajueiro essa atividade aconteceu em um final de semana agroecológico, no sábado, agosto de 2017, envolvendo agricultoras e agricultores

assentados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), no espaço do Distrito Irrigado dos Tabuleiros Litorâneos (DITALPI).

Ao longo da narrativa, os relatos atribuídos ao Raimundo Rego foram escritos por ele, de próprio punho, e foram feitas pequenas modificações pelos outros autores, a pedido dele. Em alguns lugares, na descrição das falas do Raimundo demos algumas informações, entre colchetes, para melhorar o entendimento do texto. Os relatos de Raimundo indicam a capacidade que as pessoas têm de se expressar de forma sensível e libertadora, e que a agroecologia, além de permitir uma agricultura de bases ecológicas, também possibilita permear os campos da escrita.

## Descrição da experiência

Para assuntar sobre essa área de roçado que foi batizada pela família Rego de “Roça da Libertação”, uma roça sustentável, vamos primeiro pedir licença ao Casal de jovens agricultores Raimundo Rego (35 anos) e Raimunda Rocha Rego (42 anos) e sua filha Maria Débora Rego (8 anos), para relatar a história verídica que se passou, e passa, no interior do Piauí, especificamente na comunidade Pé da Ladeira, localizada a 24km da sede do município de Esperantina - PI, onde a população é composta basicamente de agricultores(as) familiares.

Nesta comunidade, o principal sistema de cultivo utilizado é a roça de toco, na qual se derruba a vegetação, queima tudo sem deixar nem um “pé de pau” e quando a chuva chega, somente no inverno, planta-se milho, feijão, mandioca, macaxeira e, em alguns casos, arroz. O ambiente da comunidade é bucólico no período do inverno e chega a ser desolador no período de seca, que durante o dia é muito quente e o sol que brilha a maior parte do ano chega a doer na pele, por isso as atividades desenvolvidas nos roçados são realizadas no período da manhã, pois o período da tarde não é auspicioso para o trabalho na roça.

No entanto, esse não é o caso do roçado da família Rego. Trabalhar no sol? Não precisa, pois na roça da família há muitas árvores de diferentes espécies, umas plantadas por eles e outras tantas nascidas espontaneamente, dentre elas: cajueiros, aroeiras, ipês, sambaíbas, marias-pretas, araçás, catanduvras, mangueiras, sabiás, pequiás, amargoso, marfins, guabirabas, pereira, laranjeiras, paraíbas, ameixas do mato e um monte de “mato” que, além da sombra e madeira, fornece alimento para a família, animais domésticos, para a fauna e para a terra. No roçado obtém-se produção de diferentes alimentos ao longo do ano inteiro. Como é possível produzir no meio do “mato”? E dá para produzir o ano inteiro nessas condições? E o ataque dos insetos? E a competição entre as plantas? Bom, quem quiser ter respostas para todas essas perguntas e outras que irão surgir ao longo do texto, que foi escrito em parte pelo próprio agricultor, visitem a Roça da Libertação, onde serão recebidos com sorrisos nos rostos e abraços fraternos, além, é claro, do diálogo de saberes com a família Rego. Aqui algumas respostas de Raimundo:

Toda planta que está dentro da nossa roça tem um papel importante, além de servir como proteção para a terra serve de alimento e abrigo para muitos animais; não é difícil você encontrar um ninho de passarinho nas árvores; outra coisa importante é que existem as plantas que servem de alimento para muitos insetos, eu observei que, ao invés dos insetos comerem a folha do pé de feijão e do milho, eles estão se alimentando das plantas que nascem naturalmente no roçado e que as pessoas chamam de ervas daninhas, para mim elas não são daninhas. Eu gosto de ver essa interação que a natureza tem, eles são mais organizados que a gente, é nós que bagunçamos toda essa interação (Raimundo Rego).

Como conta Raimundo Rego, o começo de tudo foi assim:

Tudo começou com uma pergunta que fiz a mim mesmo, numa tardezinha, sentado no varão da bicicleta, em frente à minha área de roça, que futuramente se chamaria “Roça da Libertação”: Será que essa terra não produz nada mesmo? Daí voltei para

casa de minha mãe e comecei a encarar mais ainda aquele pedaço de chão. Dei uma volta por dentro do terreno, olhando com atenção, e entendi que era desafiante mudar a realidade, mas algo me fazia acreditar que aquele pedaço de chão poderia ser bem fértil, bem vivo.

Como pode ser visto na Figura 1:

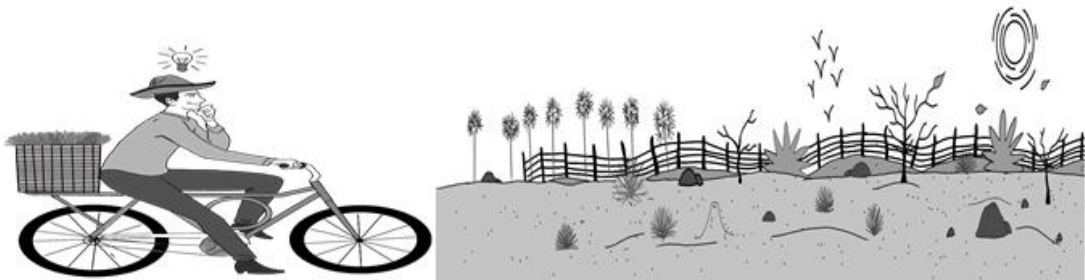


Figura 1. Raimundo Rego em uma tardezinha, sentado no varão da bicicleta, em frente a área de roça, que futuramente se chamaria “Roça da Libertação” (Ilustração: Caike Sousa, 2017).

O agricultor continua:

Então, comecei a me mexer, fui ao Banco do Nordeste e acessei o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) e fiz empréstimo de R\$1.310,00 para investir naquele pedaço de terra degradada que foi pasto para gado e que era queimado ano após ano, por 20 anos. No dia 13 de maio de 2007, veio o trator do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) e arrou 0,25 ha, onde foram colocados 500 kg de calcário; eu não tinha acompanhamento técnico algum, só fazia o que o rapaz da loja dizia. Pois bem, eu já tinha noção que era bom cobrir o solo, então, passei o verão de 2007 inteiro carregando folha de cajueiro do quintal do vizinho e casca de arroz da “piladeira” de meu irmão para cobrir o solo (Figura 2). Em janeiro de 2008, plantei e consegui somente um pouco de feijão. Fiz um investimento de R\$1.600,00 e obtive uma renda de R\$350,00. Era para desanimar, mas o que me fez continuar foram as pequenas respostas que fui percebendo que a terra ia dando: O feijão com a folha limpa e brilhante e a terra mais fofa.



Figura 2. Raimunda, Raimundo e Maria Débora em um dia de trabalho na Roça da Libertação, comunidade Pé da Ladeira - Esperantina-PI (Imagem: <http://www.chicomuseu.com>).

Diante do relato do jovem agricultor, vê-se que seu conhecimento foi adquirido a partir de suas observações empíricas, que o levaram a um maior entendimento do funcionamento e das

interações ecológicas e sociais que ocorrem em seu agroecossistema, possibilitando a ele uma visão mais holística dos processos da vida. Esse conhecimento, de acordo com Freire (1987), emerge da invenção, reinvenção, questionamento inquieto, impaciente, continuado e esperançoso que todos carregam. Provavelmente essa lição de aprender a observar a natureza e seus ciclos no agroecossistema foi adquirida a partir dos processos que ocorreram durante a construção da roça da libertação: “Passei a estudar mais, montei uma pequena biblioteca em casa, passei a divulgar minhas experiências em eventos, fiquei mais próximo da comunidade, passei a produzir alimento de qualidade, sem veneno”. Um dos principais desafios apontado por Raimundo é ser persistente na caminhada na construção e valorização de uma agricultura sustentável e de base agroecológica.

O conhecimento do que está à volta é o primeiro passo para que os(as) agricultores(as) adentrem os processos de transição ou conversão dos agroecossistemas convencionais para sustentáveis, os quais, segundo Gliessman (2000), podem-se distinguir três níveis fundamentais: O primeiro, diz respeito ao incremento da eficiência das práticas convencionais para reduzir o uso e consumo de *inputs* externos, que são caros e daninhos ao meio ambiente. O segundo nível da transição se refere à substituição de *inputs* e práticas convencionais por práticas agroecológicas. O terceiro e mais complexo nível da transição é representado pelo redesenho dos agroecossistemas, para que estes funcionem com base a um novo conjunto de processos ecológicos. As ciências agrônômicas, como uma das ciências que também aporta conhecimento à agroecologia, podem disponibilizar práticas úteis ao redesenho de agroecossistemas sustentáveis (GLIESSMAN, 2001).

Sobre o processo de transição da “Roça da libertação” o primeiro passo, iniciado em 2007, foi deixar de queimar o mato e adicionar matéria orgânica ao solo; o segundo passo foi substituir o veneno utilizado para o combate do percevejo chupão do feijão por urina de vaca, ocorrido em 2008; e, a partir de 2011, não foi utilizado mais nenhum produto, seja químico ou orgânico, deixando o controle por conta do equilíbrio do agroecossistema. O terceiro passo foi o redesenhar o agroecossistemas, diversificando e introduzindo árvores no sistema. Esse passo que na verdade ocorreu concomitante ao primeiro e ao segundo, indicando que os passos da transição apontados por Gliessman (2011) podem ocorrer simultaneamente.

Depois de participações de diversos intercâmbios entre agricultores, visitas técnicas, seminários, leitura de livros sobre manejo agroecológico da agricultura e inúmeras observações e experimentações em seu agroecossistema, Raimundo entende que o conhecimento é uma ferramenta importante para lograr êxito no processo de transição para uma agricultura sustentável, seja por meio de leitura e/ou vivências. Em relação aos intercâmbios, é interessante resgatar uma fala do Raimundo Rego dita em 2011, quando foi questionado em relação ao que foi visto no minicurso sobre permacultura, realizado em uma área de um permacultor no Perímetro Irrigado dos Tabuleiros Litorâneos do Piauí: “Posso ser sincero? Eu estou melhor que ele, pois eu não mato inseto e ele ainda mata”. Tal fala demonstra a visão diferenciada do agricultor com relação ao entendimento dos processos da vida que ocorrem em agroecossistemas.

Continuando a narrativa, Raimundo conta como começou a trabalhar o solo, do pedaço de chão da família Rego:

Em 2008, a preparação do solo para a safra 2009, última safra que foi usado veneno, exceto o calcário, que ainda foi colocado. Então, juntei folha de cajueiro do vizinho da frente, Miguel Rã, e a casca de arroz que eu comprava do meu irmão, compadre Zé. Esse material eu trazia em uma bicicleta com um jacá [cesto feito de bambu] enorme de uma distância de mais ou menos 300m. Carregava por dia 65 “jacazadas”. Durante esse ano, coloquei no pedaço de chão 450 “jacazadas” de palha de arroz e 300 de folhas de cajueiro. Essa jornada de adição de casca de arroz e folha de cajueiro durou até 2010.

Voltando ao passado, devo contar mais alguns detalhes: no início de tudo, em maio de 2007, eu era solteiro, porém em setembro me casei com Raimunda Rocha e fomos morar em uma casa emprestada por um irmão, Luiz Rego, que fica a 600m da “Roça da Libertação”. Bom, agora eu tinha dois sonhos, dar vida a um pedaço de chão e construir uma casa. Aí, entra a organização e o planejamento. Raimundinha, minha esposa, trabalha como zeladora da escola da comunidade e ganha um salário-mínimo.

Durante dois anos guardamos metade do salário dela e com o dinheiro compramos o material para a construção da casa. A areia e as pedras eu juntei na comunidade. Resumindo, em dois anos de trabalho construímos uma casa com 93,6m<sup>2</sup>. Este feito provocou admiração das pessoas da comunidade, que diziam que foram os políticos que me deram o material para a construção.

Construir a casa dentro da “Roça da Libertação” foi muito bom, e o desafio continuou a ser fertilizar a terra, que é para mim uma meta. A prova disso, é que eu troquei o único guarda-roupa que tínhamos por casca de arroz para cobrir o solo. Essa loucura a Raimundinha demorou a aceitar, e só aceitou quando o resultado da transformação do terreno começou a aparecer, em que eu ia para cidade vender milho, quiabo, feijão verde, etc. e trazia outros produtos comprados com o dinheiro da venda. Com o passar do tempo, os custos foram diminuindo e a produção aumentando. No entanto, somente em 2011 a produção foi superior ao investimento, graças à diversificação da produção, ao melhor conhecimento do funcionamento dos locais de venda e, também, do aumento da área plantada. Além desses fatores relacionados, uma importante estrutura foi construída para alicerçar o sucesso da diversificação das culturas.

A partir do momento que o Raimundo, por meio de observações de processos naturais, estudos e, intercâmbios vivenciados, compreendeu que o solo era um sistema vivo e necessita ser cuidado com mais intensidade para ser fortalecido e que tinha que trabalhar com a terra e não na terra, ele ganhou um enorme “parceiro”: o solo. Com o passar dos anos essa parceria foi rendendo bons frutos para o próprio solo, para o Raimundo e sua família, para todos aqueles que o visitaram e puderam comparar a qualidade de um solo cuidado e de um solo sem cuidados, assim como para a saúde das plantas do roçado da família. Como diz o professor Sérgio Ricardo Matos Almeida, do Instituto Federal da Bahia (IFBA/Valença), em sua composição musical sobre trofobiose: “(...) uma planta bem nutrida com metabolismo eficiente não agrada os parasitas e não lhes fornece nutriente (...)”, e como diz a Professora Ana Primavesi: “Um solo sadio gera uma planta sadia”. Logo, um solo bem cuidado é sinônimo de agroecossistema equilibrado.

Raimundo relata a seguir como começou a relação entre a Família Rego, seu roçado e o Núcleo de Estudos em Agroecologia e Agricultura Orgânica - NEA-Cajuí da Universidade Estadual do Piauí - UESPI:

Conheci Flávio Crespo e o pessoal do Grupo Cajuí em junho 2009. Em março de 2010, o Grupo Cajuí (ainda não era Núcleo de agroecologia - NEA), juntamente com vários profissionais da agroecologia (Leandro Inakake, Cristina Arzabe, Elaine Rech, Eroni Mehl, Flávio Crespo e alunos do curso de agronomia da UESPI) promoveram, também com 34 agricultores(as) familiares locais, o primeiro Final de Semana Agroecológico, realizado na propriedade da família Rego que posteriormente recebeu da família o nome de Roça da Libertação. Desse ponto inicia-se uma parceria entre o Grupo Cajuí (UESPI) e a família Rego e seu roçado.

Mais tarde, em um outro momento na sistematização promovida pela ABA, Raimundo disse:

A agroecologia é chuva em terra seca e os Núcleos de Agroecologia são sementes. O NEA-Cajuí se aproximou da comunidade e trouxe a esperança de que é possível produzir alimento sem destruir a natureza. Ganhar dignidade sem destruir a terra. Desde 2008 a terra lá e trabalhada sem uso de veneno.

E posteriormente no encontro Nacional de Núcleos de Agroecologia ocorrido em Luziânia, em setembro de 2017, ele complementou dizendo:

Antes do NEA Cajuí aparecer na vida da minha família eu era um fiapo solto, hoje ainda continuo sendo fiapo, mas um fiapo embutido em uma linha, que está embutida em um cordão, embutida em uma rede que é forte e que nos seus movimentos anseiam, sonham, pescam a esperança de uma sociedade mais humana, justa, fraterna e feliz. Esse é o meu grito, o grito dos agricultores e de agricultores do Brasil que eu espero que tenha eco e que seja escutado por alguém.

O NEA-Cajuí foi criado por docentes e discentes do curso de agronomia da Universidade Estadual do Piauí, pesquisadores(as) da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) Meio Norte, Unidades Experimental de Parnaíba (PI) e agricultores(as), em meados de 2010, além disso foi apoiado pelo edital 81/2013, do CNPq em parceria com vários ministérios. Atualmente é o único núcleo de estudos em agroecologia do Norte do Piauí e suas ações também contemplam os estados vizinhos do Maranhão e Ceará.

Uma das ações do núcleo é a realização de finais de semana agroecológicos em comunidades de agricultores(as), nos quais contam com a participação de estudantes de agronomia, técnicos, professores da Universidade Estadual do Piauí e do Instituto Federal de Educação do Piauí e, eventualmente, técnicos e analistas da Embrapa. No desenrolar das conversas entre agricultores(as), discentes, docentes e pesquisadores da Embrapa, deu-se início ao processo de construção de uma metodologia que fosse mais interessante e adequada para se abordar os temas de base agroecológica nas diferentes comunidades que o NEA-Cajuí viesse atuar, para tanto foram mantidos diversos e constantes diálogos com participação de todos os atores envolvidos. Depois de muito “assuntamento” chegou-se à elaboração da metodologia de comunicação rural adotada pelo Grupo Cajuí em suas atividades de extensão, denominada “Finais de Semana Agroecológicos”.

### Finais de semana agroecológicos

A elaboração participativa dessa metodologia é uma “eterna construção”, já que cada Final de Semana Agroecológico é realizado em comunidades diferentes que apresentam características sociais, ambientais, culturais, econômicas, políticas e éticas peculiares, o que nos leva a pensar, repensar e adequar a metodologia à realidade de cada comunidade ou grupo de agricultores(as) na qual serão promovidos esses momentos de diálogos de saberes.

O final de semana agroecológico, iniciou-se em 2010, possui caráter educativo e é realizado de forma participativa. Entendemos como participativas as metodologias em que todos fazem parte não só da execução, mas também das tomadas de decisão. De acordo com Ruas et al. (2006), ela é assim classificada por ser um processo realizado e baseado em classificação e sistematização construtivistas do conhecimento, fundamentado na dialogicidade, respeito aos saberes pré-existentes, exercício da cidadania e inclusão social.

O Final de Semana Agroecológico tem como objetivo principal tratar de assuntos das diversas áreas do conhecimento relativos à ciência agroecológica, respeitando os anseios e os problemas vividos pelos(as) agricultores(as) de cada comunidade, além de suas características socioculturais, visando quebrar paradigmas sociais, trilhando um caminho de horizontalidade do conhecimento entre agricultores(as) e a academia.

A metodologia dos Finais de Semanas Agroecológicos que ora é utilizada pelo NEA-Cajuí (síntese no Boxe 1) consiste em: i) diagnóstico participativo da comunidade, realizado no primeiro momento com o objetivo de conhecer a realidade local para identificar os problemas e as soluções enfrentados e presentes na comunidade, elencar os problemas em ordem de prioridades, bem como analisar junto aos(as) agricultores(as) as informações obtidas; ii) após o diagnóstico, as práticas são realizadas. Os(as) agricultores(as), os(as) organizadores(as) e os demais atuam como facilitadores na realização das práticas de base agroecológica e estimulam os agricultores(as) a analisar e a construir o entendimento das causas dos problemas enfrentados por eles e permitem, de tal sorte, que eles mesmos cheguem às possíveis soluções de seus problemas, da forma mais adequada a realidade de cada um, ou seja, sem receitas, muito embora alguns agricultores não compreendam e anseiam por pacotes, como os do molde da “Revolução Verde”; iii) merenda coletiva, um momento de partilha dos alimentos, em que cada um contribui com o que tem e é um momento de bastante interação entre todos. A maioria do alimento partilhado na merenda vem das propriedades dos agricultores que participam dos finais de semana agroecológico; e iv) por fim, os encaminhamentos são realizados a



partir da experiência vivida no final de semana agroecológico e encerra-se sempre com uma rodada de conversa e uma oração agradecendo pelo trabalho realizado.

**Boxe 1.** Etapas da realização dos finais de semanas agroecológicos

- 1) Diagnóstico participativo da comunidade.
- 2) Realização de atividades participativas de acordo com as necessidades apresentadas no diagnóstico (Rodas de conversas, apresentações de vídeos, intercâmbios, mutirões).
- 3) Merenda coletiva.
- 4) Encaminhamentos.

### Primeiro Final de semana Agroecológico

O primeiro final de semana agroecológico foi realizado em Esperantina - PI em parceria com agricultores/as e colaboradores, nos dias 27 e 28 de março de 2010, na propriedade da família Rego. O agricultor/experimentador Raimundo Rego, com sua forma simples e amigável de escrever, descreveu como se deu o desenrolar do evento:

A conversa se deu à sombra de um cajueiro, na qual os participantes organizaram uma imensa roda. Inicialmente foi realizado um diálogo entre os(as) agricultores(as) da comunidade Pé da Ladeira e de comunidades vizinhas, nessa oportunidade, conversou-se sobre vários assuntos relacionados ao manejo das roças, depois seguiram rodas de conversas orientadas por professores, pesquisadores e alunos do Grupo Cajuí, abordando os seguintes temas: ecologia de insetos, adubação verde, proteção do solo, importância da união dos agricultores(as) para construir um ambiente melhor pra se viver, os malefícios causados pelo uso de agrotóxicos nas lavouras (Figura 3a). Nessa mesma ocasião semeamos  $\frac{1}{4}$  de hectare de terra com coquetel de adubos verdes (Figura 3b).



(a)

(b)

Figura 3. (a) Roda de conversa e (b) semeadura de  $\frac{1}{4}$  de hectare de terra com coquetel de adubos verdes com os comunitários da comunidade "Pé da ladeira", comunidades vizinhas, estudantes e professores

A implantação do coquetel de adubos verdes ampliou o tamanho da roça da família Rego em  $\frac{1}{4}$  de hectare, a participação de todos atores envolvidos foi bastante intensa, a semeadura significou o despertar para a necessidade dos integrantes do Cajuí entenderem e compreenderem os processos que levam à transição agroecológica, tanto no âmbito da Universidade quanto no campo. Esse momento foi de muita reflexão e aprendizado para todos os participantes. Ficou claro para todos a necessidade de mais diálogos para melhorar o entendimento e ampliar a troca de conhecimentos entre a academia e os(as) agricultores(as), além do ensinamento sobre a importância dos saberes que carregam essas

peças e que foram transmitidos por seus ancestrais, de geração em geração, até chegar ao conhecimento deles(as). Desde o início percebemos, então, que o final de semana agroecológico é um dispositivo metodológico que permite trazer a inovação local e articulação entre os saberes, ambas necessárias para a transição agroecológica, como sugerido por Petersen et al., 2009. Segundo os autores, a transição agroecológica é construída a partir da articulação sinérgica entre diferentes saberes e a inovação local é um dispositivo metodológico necessário para a criação de ambientes de interação entre agricultores e acadêmicos. A transição agroecológica necessita ainda, conforme apontado por Griffon (2006), de buscar novas práticas socioprodutivas, as quais devem promover harmonia entre os ecossistemas naturais e agroecossistemas para, dessa forma, favorecer o uso dos bens oferecidos pela natureza que irão propiciar a segurança e soberania alimentar e a geração de rendas, a partir do acesso aos mercados locais. Por isto, o final de semana agroecológico propõe, também, práticas que nem sempre são conhecidas da comunidade.

Com os finais de semanas agroecológicos, o trabalho e o investimento cresceram para Raimundo. Como a área da roça aumentou, ficou mais difícil cobrir todo o chão. Segundo ele, em 2011, foi preciso:

(...) comprar bagana de carnaúba do senhor Pedro Silva, da comunidade Salobro, que fica a 5 km de sua propriedade. Eram 10 mil palhas que cobriu (sic) apenas metade da nova área. Em 2012 investi mais e comprei bagana de 12 mil palhas que deu para cobrir o restante da área.

Entretanto, o resultado foi certo, ainda segundo Raimundo:

(...) neste ano, apesar do inverno muito ruim, consegui com a roça (Figura 4a) duas colheitas de milho e feijão, colhendo também, muito quiabo, maxixe, melancia, mandioca, macaxeira, abóbora, batata doce, fava, etc. (Figura 4b) e obtive uma renda de R\$5.000,00.



**Figura 4.** Roça da família Rego (a) e o resultado de um dia de colheita (b), comunidade Pé da Ladeira - Esperantina-PI.

O solo da “Roça da Libertação” já estava se recuperando e a produção aumentando, com isso a família já possuía alimentos saudáveis em sua mesa e o excedente, que não era pouco, era vendido na própria comunidade e em comunidades vizinhas, além de em um mercado de produtores na sede do município de Esperantina. Além de observar os processos ecológicos que ocorrem em seu agroecossistema, que eram confrontados e elucidados com as informações obtidas em diversos livros

lidos pelo jovem agricultor, ele participou de inúmeros eventos e intercâmbios, tanto os realizados pelo NEA-Cajuí, quanto os que o grupo participava e de outros para os quais foi convidado, quando levava informações sobre a Roça da Libertação a muitas pessoas. A partir das participações nos eventos, a experiência vivenciada pela família Rego passou a ser conhecida por pessoas de dentro e fora do Estado, sendo agricultores(as) familiares, representantes de outras instituições de ensino superior, médio e fundamental, empresas de pesquisas e de assistência técnica e extensão rural, sindicatos de trabalhadores(as) rurais, organizações governamentais e não governamentais. Essas participações marcam uma nova fase da história do Grupo Cajuí, que se confunde em parte com a trajetória de Raimundo rumo à transição de sua roça para uma roça agroecológica, a Roça da Libertação. As três edições do Seminário Piauiense de Agroecologia foram importantes nesta trajetória e merecem uma apresentação específica.

### Seminários Piauiense de Agroecologia

O brilho natural de Raimundo Rego, seu jeito direto e simples de falar, seu imenso amor pela terra, seu grande carisma e carinho fraternal se evidenciaram, em parte, a partir da realização do I Seminário Piauiense de Agroecologia, pelo Grupo Cajuí e UESPI e apoiado por diversos parceiros em junho de 2011, na cidade de Parnaíba - PI, no evento Raimundo disse coisas que ficaram marcadas na história do Grupo e no coração de seus integrantes, bem como dos demais participantes do evento, que foram: “A agroecologia é a libertação dos agricultores e agricultoras familiares em todos os sentidos”, em uma mesa redonda da qual ele foi integrante e que se tornou frase símbolo do Grupo Cajuí.

O II Seminário Piauiense de Agroecologia realizado em Esperantina-PI foi um momento importante para o compartilhamento de tudo o que estava acontecendo na “Roça da Libertação” e o início de uma nova etapa na construção do conhecimento. Como parte deste evento, a família Rego recebeu a visita de “vários participantes, dentre eles agricultores e agricultoras de assentamentos da região do Território dos Cocais e de outros municípios do Piauí (Ilha Grande, Parnaíba, Cajueiro da Praia, Picos) e até do Ceará (Chaval, Barroquinha) e da engenheira agrônoma Vívian de Taboão da Serra – SP, e do engenheiro agrônomo Manfred Osterroht de Botucatu – SP, que ficaram encantados com a estratégia de gerenciamento da roça”. (Raimundo Rêgo)

Os visitantes em sua maioria eram agricultores e agricultoras, mas também, vieram alunos e professores de universidades. Todos com o objetivo de conhecer a forma de produção de alimentos que supera a necessidade dos humanos, pois protege toda a vida da natureza. No processo de transição agroecológica, as visitas, os intercâmbios, segundo o agricultor, são relevantes e transformadores, pois facilitam a horizontalidade dos saberes e o aprendizado de um(a) camponês(a) com o(a) outro(a). O aprendizado entre camponeses é muito efetivo, pois aprende-se a partir da prática. Além disso, os intercâmbios promovem o protagonismo dos agricultores na transição agroecológica, estabelecendo relações horizontais de agricultor(a) para agricultor(a) buscando a criação e formação de espaços e redes sociotécnicas de agricultores(as) experimentadores(as) (SABOURIN, 2009).

O terceiro Seminário Piauiense de Agroecologia, foi organizado e realizado pela Comissão de Produção Orgânica do Estado do Piauí, Instituto Federal do Piauí e contando com o apoio diversos instituições, entre elas o NEA- CAJUÍ, no campus de Cocal do Instituto Federal do Piauí situado na região norte do Piauí em maio de 2017. A programação foi realizada nos moldes dos dois primeiros, com a participação de estudantes, pesquisadores(as), agricultores(as) familiares e educadores(as) nas mesas redondas e minicursos que trataram de temas ligados à agroecologia.

No III Encontro, Raimundo relata sobre a importância de sua participação nos diversos eventos:

O sucesso da “Roça da Libertação” se deve muito ao empenho e carisma do Cajuí. [A partir da ações no Cajuí] Tive a sorte de conhecer as maravilhosas experiências de roças sustentáveis em vários lugares, como os SAFs do senhor Luiz, comunidade Casa de Pedra – Carnaubal – CE, do senhor Chico Antônio e do Antônio José e tanto outros, município de Viçosa do Ceará – CE. Sem esquecer do senhor “Rodrigo” e sua família, na comunidade dos Veredas dos Anacleto, município de Esperantina – PI, que é sem dúvida a experiência mais profunda de vivência concreta dos princípios da

agroecologia no Estado. Além da riqueza destes intercâmbios, o Núcleo (CAJUÍ) me trouxe outros materiais, como livros, revistas e vídeos que me ajudaram muito na evolução dos processos de preservação e produção da “Roça da Libertação”.

### A espiritualidade, o conhecimento, a família e o solo nos processos de transição agroecológica

A força e a persistência de Raimundo vêm da espiritualidade, também parte da formação, conforme ele mesmo descreveu:

Essa força, que faz compreender e superar os obstáculos presente na caminhada da vida, foi conquistada, ou evoluída, com um curso de formação missionária, durante duas quinzenas anuais, por quatro anos, que ocorreu (sic) em Esperantina. O objetivo do curso era formar lideranças na comunidade com um conhecimento libertador, pé no chão. Com espiritualidade igual a de Cristo, que faz entender a realidade de cada lugar e buscar força para transformá-lo. Foi essa formação que me fez ver o mundo como ele é, e entender que, como sou agricultor, minha ação de libertação teria como espaço a roça e a sua relação com outras causas pregada pela agroecologia.

As falas do agricultor demonstram a influência dos ensinamentos religiosos em sua formação e, dessa forma, ele passa a identificar e analisar as relações sociais e as práticas realizadas por ele e sua família como libertadoras. Raimundo vive e demonstra a importância da espiritualidade no processo de transição para uma agricultura sustentável, ficando claro quando ele afirma que: “O homem que não mata um inseto não faz mal ao seu próximo; produzir um alimento seguro é amar ao próximo que irá se alimentar dele”. No sexto capítulo de sua carta encíclica “*Laudato si*” o Papa Francisco afirma que ele está convencido de que toda mudança tem necessidade de motivações e de um caminho educativo, nesse sentido, propõe temas para o entendimento de uma “Educação e espiritualidade ecológicas”. Esta espiritualidade engajada contribui para a compreensão dos funcionamentos dos agroecossistemas e dos sistemas sociais, compreensão é, de acordo com Petersen et al. (2009), necessária para a transição agroecológica.

Para os processos de transição agroecológica, além da espiritualidade e do conhecimento, Raimundo aponta, ainda, duas lições importantes, a força e apoio da família, assim como a recuperação e/ou manutenção da qualidade do solo: “Além da formação missionária e do conhecimento agroecológico, adquirido com o Grupo Cajuí, atribuo a construção da “Roça da Libertação” à minha família, mãe e irmãos, e à família da minha esposa”.

Ainda sobre a família e a Roça da Libertação, ele diz:

Quando eu comecei a trabalhar na roça da libertação e o manejo era completamente diferente das pessoas que trabalhavam com roça, a minha esposa não tinha muita confiança, eu sentia isso e algumas vezes ela demonstrava que não estava satisfeita com a forma que eu estava trabalhando. No início da construção da roça eu tive a chance de ir a intercâmbios, seminários e congressos sobre Agroecologia e minha esposa não gostava da minha ausência.

Construir a casa dentro da “Roça da Libertação” foi muito bom e o desafio agora era continuar fertilizando a terra, que é para mim uma causa. A prova disso, é que eu troquei o único guarda-roupa que tínhamos por casca de arroz para cobrir o solo. Essa loucura toda, a Raimundinha mesmo triste concordou. Com o passar dos anos as coisas foram mudando, a minha companheira também começou a ver as mudanças que estavam acontecendo na roça da libertação e no nosso conviver. Passamos a ter uma alimentação mais saudável, ela só aceitou verdadeiramente quando as transformações do terreno começaram a aparecer, e quando eu ia para cidade vender milho, quiabo, feijão verde e outras coisas e trazia outros produtos comprados com o dinheiro da venda. Hoje, ela é muito feliz com a “Roça da Libertação”, pois compreendeu a razão de tanta dedicação. Dessa forma ela começou a me apoiar nas idas aos eventos e me ajudava bastante a cuidar dos canteiros. Nas reuniões que aconteciam no sindicato e ou eram próximas de casa sempre íamos os três.

A nossa filha Maria Débora foi um presente que Deus nos deu e sempre tivemos muita preocupação com sua educação. Ela sempre fez parte do nosso cotidiano na roça, antes mesmo de ir para a escola já sabia ler. O sistema educacional na nossa comunidade as salas são multisseriadas, tentei fazer uma mobilização para que as crianças saíssem do sistema multisseriado, pois percebia que esse modelo de ensino estava prejudicando o aprendizado das crianças, infelizmente a situação não mudou e a forma que encontramos da nossa filha não ser tão prejudicada foi trabalhar a educação dela em casa, compramos livros e montamos uma pequena biblioteca em casa.

Quanto ao solo, Raimundo diz:

(...) a lição tirada com a “Roça da Libertação” é a recuperação do solo feita com a cobertura deste com matéria orgânica, mas, sobretudo, manejando o que se produz e o que nasce espontaneamente dentro da roça. Esse é o motivo de eu não queimar. Plantar leguminosas é uma forma eficiente de recuperação do solo, que também foi feito aqui.

A seguir, Raimundo aponta, ainda, como os quatro componentes, considerados por ele como importantes na transição agroecológica, ou seja, espiritualidade, o conhecimento, a família e solo de qualidade se interconectam e permitem avançar na relação com a comunidade e na compreensão política:

O mais importante é que a cada dia que passa, a terra fica mais viva, fofa e produtiva, até chegar a um equilíbrio que é próprio da natureza. Na produção de base agroecológica, a terra nunca fica doente, prejudicada. A alimentação da família é saudável e, por possuir um pedaço de terra e cuidar bem dela, é bem mais feliz. Os laços familiares são fortes, o diálogo com a comunidade evolui, há uma compreensão maior dos processos políticos, a cultura local é valorizada. A espiritualidade está conectada com a realidade, a visão do agricultor é mais ampla, mais diversificada, possibilitando mais ações de transformação na sua área de atuação. Esse é o motivo de nossa roça ser chamada de “Roça da Libertação”.

Com estes quatro componentes, Raimundo garante responder aqueles que perguntam se a agroecológica pode alimentar o mundo, pois, segundo ele: “A agroecologia é uma ciência que pode alcançar uma produção agrícola sustentável”. Em seis anos em processo de recuperação e que ainda por cima enfrentou quatro anos de inverno fraco, a “Roça da Libertação” gerou uma renda de R\$17.620,50. Sendo R\$5.390,50 de saldo positivo, sem contar com os produtos consumidos pela família e presenteados a alguns amigos. Com mais um detalhe, em apenas ½ hectare de chão. Entendo, também, que se os produtos estivessem sendo industrializados [beneficiados] os valores seriam bem maiores (Figura 5).

Em sua última frase, Raimundo aponta um dos desafios da transição agroecológica: o beneficiamento dos alimentos. A legislação que considera os processos artesanais da agricultura familiar para o beneficiamento dos alimentos como se fossem produtos industriais tem gerado muitos problemas e dificuldades e precisam ser modificados, a partir de legislação específica que compreenda a importância e a diferenciação do beneficiamento dos alimentos nas propriedades familiares.

A partir da experiência narrada aqui, a pergunta necessária não é se a agroecologia pode alimentar o mundo, já está demonstrado que sim, a pergunta necessária é outra, como fazer para que muitos Raimundos, Raimundas e Marias Déboras possam florescer?



**Figura 5.** A família Rego e sua “roça da Libertação” (Ilustração: Caike Sousa 2017)

## Considerações Finais

A narrativa abordou duas experiências construídas participativamente pelo NEA-Cajuí, a “Roça da Libertação” e a metodologia denominada Final de Semana Agroecológico. Fazer parte dessa experiência enriqueceu muito o NEA-Cajuí, pois nos fez perceber e confirmar que o caminho para alimentar o corpo das pessoas, a partir de alimentos saudáveis, e suas mentes, a partir da espiritualidade, passa pela agroecologia. É preciso quebrar as amarras do conhecimento restrito e fazer com que cada vez mais o número de agricultores e agricultoras possam aumentar e que ambos possam ser ouvidos e vistos.

O objetivo do NEA Cajuí é proporcionar, por meio de diálogos promovidos durante as atividades de pesquisa, ensino e extensão, o aprendizado e a compreensão por todos de conceitos e práticas agroecológicas, bem como para a adoção de tais práticas por agricultores familiares de comunidades que se sentirem motivados, com vistas à transição agroecológica. Após quatro anos de aprendizados, o Núcleo Cajuí contribuiu para que boa parte, se não todos, os seus membros e aqueles que se envolvem com sua as ações, tornassem sujeitos políticos mais plenos e capazes de contribuir para uma sociedade democrática e sustentável.

As experiências aqui narradas têm contribuído para a uma agricultura mais sustentável, no município de Esperantina, Piauí. A caminhada rumo a uma agricultura sustentável, que no nosso entender passa pela agroecologia, é um processo dinâmico, uma verdadeira sucessão de tentativas e erros, mudanças e adaptações, portanto entende-se que as experiências da metodologia do Final de Semana Agroecológico e da Roça da Libertação precisam, ainda, ter muitas arestas aparadas, mas já apontam resultados importantes. Este aprendizado pode contribuir para a autonomia do sistema agrícola e da família agricultora, a fim de torná-lo sujeito político pleno para uma sociedade democrática e sustentável.

Com a narração destas experiências não se pretendeu, de forma alguma, apresentar modelos a serem seguidos, mas inspirações para quem tiver a oportunidade e o interesse de ler a narrativa e, se for de interesse, vivenciar as experiências *in loco*. Tais inspirações podem contribuir para avançar na transição agroecológica.

No desenho dos agroecossistemas sustentáveis, segundo Raimundo, é preciso ter conhecimento, adquirido em rede, a partir da observação, cursos, leituras, intercâmbios e outros que irão contribuir para articular alguns componentes importantes, quais sejam, a organização e o planejamento, as relações interpessoais (com a família e comunidade), o manejo da biodiversidade, o solo de qualidade e a espiritualidade. A articulação entre espiritualidade, conhecimento, relações interpessoais e o solo foram apontados por ele como importantes na transição agroecológica e permitem avançar a compreensão dos processos políticos, valorizar a cultura local, despertar a consciência ambiental e respeitar os valores éticos. Por isto a Roça é de Libertação!

## Agradecimentos

A família Rego agradece a colaboração de todos e todas até aqui, porém, em especial à colaboração dos ensinamentos de Jesus Cristo, ao Espírito Santo e a Deus Pai, que é a fonte de toda a força e inspiração. Agradecem, também, aos componentes do Núcleo de Estudos Pesquisa Extensão em Agroecologia NEA-Cajuí e a todos(as) os(as) agricultores(as) com quem aprendi sempre mais um pouco e aos autores dos livros que lido e dos que serão lidos.

O NEA-Cajuí agradece a todos(as) que passaram e deixaram seus ensinamentos nas diversas atividades desenvolvidas pelo núcleo, à Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) por possibilitar o relato de parte importante de experiências vivenciadas por nós e, em especial, à Família Rego, pela confiança em nosso trabalho, pelo carinho e amor com os quais sempre somos recebidos em sua Roça da Libertação.

## Referências

- GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2000. 653p. Tradução de Maria José Guazzelli com o apoio de Augusto Freire, Cláudia Job Schmitt e Maria Vergínia Guazzelli.
- GRIFFON, M. **Nourrir la planète**. Odile Jacob, Paris, 2006.
- PETERSEN, P. et al. Construção de uma ciência a serviço do campesinato. In: PETERSEN, P. (org.). **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.
- SABOURIN, M. **Camponeses do Brasil. Entre a troca mercantil e a reciprocidade**. Rio de Janeiro, Garamond, 2009.
- RUAS, E. D. et al. **Metodologia participativa de extensão rural para o desenvolvimento sustentável: MEXPAR**. Belo Horizonte, março 2006. 134 p.
-